

Ensemble JER – *Os Plásticos de Lisboa*
apresenta

Boleros de Santo António

no

Arraial na Mouraria

18 de Junho de 2010



Reich Deluxe

[2 peças de Steve Reich] (© 2006)

Bolero

[Maurice Ravel] (© 1996)

All arrangements © JER

Ensemble JER (quinteto)

José Eduardo Rocha

Mini claxonetos de plástico, corneta de plástico (*Reich Deluxe*); melódica Antonelli, melódica soprano Hohner, melódica alto Hohner Student 32, trompete Bontempi, clarina Hohner 12, clarina Hohner 8, melódica Thomann, violino Chicco (*Bolero*).

Nuno Morão

Apito Acme, claxoneto médio de plástico, corneta de plástico (*Reich Deluxe*); flauta Allegro Hohner, clarinete Bontempi, xilo-piano Little Tikes, melódica soprano Hohner, saxofone Bontempi, melódica alto Hohner Student 32, bombo, cow-bell, ride (prato suspenso) (*Bolero*).

Paulo Guia

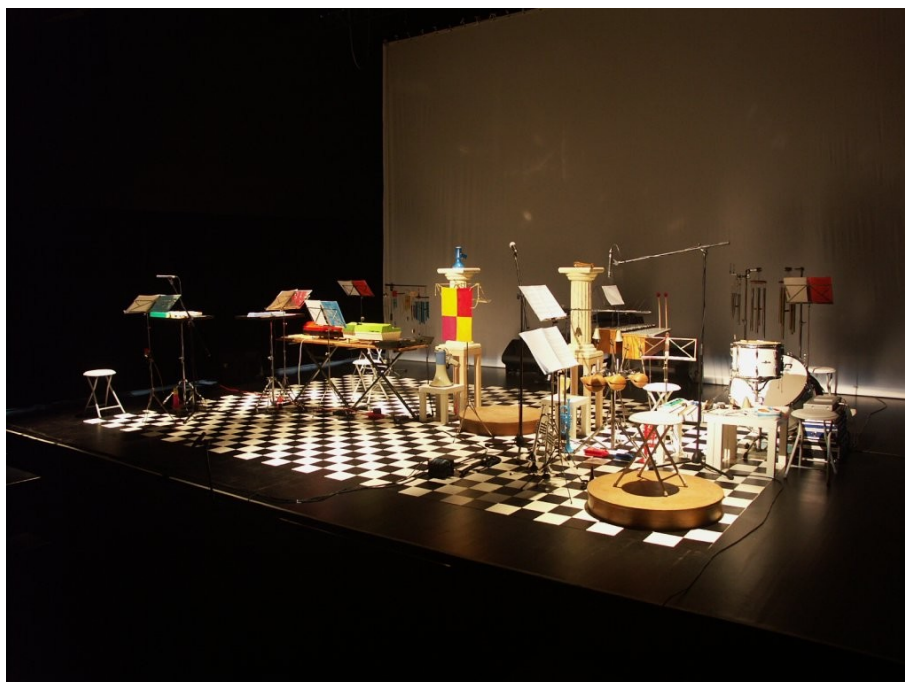
Apito comboio grave Acme, buzina de plástico, maestro (*Reich Deluxe*); clarinete baixo (*Bolero*).

Vasco Lourenço

Apito comboio agudo Acme, claxoneto médio de plástico, Killer Klave (*Reich Deluxe*); Tune Town Violin, Kolor Klarina, toy piano Schoenhut, clarina Hohner 8, clarinete Bontempi, clarina aberta (*Bolero*).

Marta Marques Mendes

Apitos Acme, Blast Blocks LP (*Reich Deluxe*); ocarinas de plástico, Kolor Klarina, trompete Reig, trompete Antonelli, clarina aberta, cornetinhas de plástico (*Bolero*).



Notas de Programa

Reich Deluxe – duas peças de Steve Reich (*1936)

Em *Reich Deluxe*, “arranjado” originalmente para a Bienal de Luz de Lisboa (Luzboa) de 2006 (daí o título *sui generis*), reuniram-se duas peças de Steve Reich dos anos 70: *Music for Pieces of Wood* (1973) [Original para cinco claves; arranjo de JER para cinco apitos Acme e cinco claxons de plástico, 2006] e *Clapping Music* (1972) [Original para dois executantes batendo palmas; arranjo de JER para duas cornetas de plástico, Killer Klave, Blast Blocks e maestro, 2005].

Nestas duas célebres composições, que são tocadas por todo o mundo, Reich pôs em prática as suas descobertas muito pessoais da polirritmia da música africana, que estudou parcimoniosamente *in loco*, e dava os primeiros passos na “canonização” do seu conceito de ritmo rotativo. O estilo minimal-repetitivo, de que se tornou um dos grandes quatro mestres da actualidade recente, veio reconciliar o grande público com a chamada música contemporânea. Depois de anos de movediços impressionismos, expressionismos, futurismos, dadaísmos, dodecafonismos, serialismos, microtonalismos e todo o tipo de aleatoriedades, não há nada como uma boa pulsação regular, com ritmos cruzados, do princípio ao fim na mesma nota ou timbre, e durante o tempo suficiente.

JER [2006/2007, rev. 2010]

Bolero – Maurice Ravel (1875-1937)

Segundo Manuel Rosenthal, Ravel definia o seu *Bolero* (1928) como uma “partitura sem música”. Tudo tinha começado por uma encomenda ao compositor (da célebre bailarina e empresária Ida Rubinstein), que no entanto, três semanas antes da estreia, ainda não estava composta.

Parece que Ravel teria acalentado a ideia de orquestrar partes da *Iberia* de Albéniz mas, por não ter obtido a autorização dos herdeiros do mestre espanhol a tempo, a situação tinha-se arrastado. E, de repente – com os cartazes na rua a anunciar um novo ballet –, ao nosso compositor não restava senão uma alternativa: escrever uma peça onde não houvesse realmente grandes problemas composicionais a resolver, e fazer rapidamente algo que resultasse, usando um dos recursos mais prestigiados do seu enorme *métier*: a orquestração (e neste sentido o *Bolero* é um verdadeiro tratado de instrumentação).

Quanto à famosa forma, sempre com o mesmo ritmo, e com a repetição obsessiva do mesmo tema – apesar de tudo uma longa melodia dividida em duas partes interessantes, uma 'tonal' e outra 'modal' – não é meramente primitiva, mas tem raízes na tradição clássica, sobretudo naquelas formas baseadas em danças curiosamente de origem ibérica: a “chaconne”, a “passacaglia”, o “ostinato” e o “bolero” (Chopin compôs um).

Do meu ponto de vista, o *Bolero* ainda tem outros aspectos interessantes, como um certo dadaísmo residual, não necessariamente aquele relacionado com a ideia de um “fim da arte” à maneira de Duchamp ou de Schwitters, mas mais como um Satie ou um Schulhoff, com a introdução de elementos de “baixa cultura”, de paródia e de provocação para “épater le bourgeois” (que aliás tem em França antecedentes em Offenbach ou em Chabrier).

No fim da vida, Ravel, gravemente doente e incapacitado para trabalhar, mantinha-se lúcido, embora apático. Os amigos faziam tudo para o distrair, levando-o a Marrocos ou a escutar concertos com a sua música transmitidos pela rádio. Conta-se que uma dessas vezes, depois de ouvir o *Bolero*, ao contrário do que era habitual nos últimos tempos, Ravel começou a rir de uma maneira diabólica declarando: “Ah! Quand je pense quelle bonne blague j’ai jouée au monde musical!”

No meu arranjo para plásticos (1997) – que metaforicamente também é um tratado sobre as possibilidades dos *toy instruments* – tentei reacender a frescura dadaísta dos primeiros tempos do *Bolero*, antes de o cinema, a televisão, a rádio, o disco e a sociedade de consumo em geral terem transformado essa obra singular numa espécie de dança sexual e num produto banal, insuportável e cabotino.

JER [2000, rev. 2010]

Ensemble JER – *Os Plásticos de Lisboa*

Curriculum Vitae

Grupo de artistas-músicos especialmente formado para interpretar um repertório para instrumentos de plástico (*toy instruments*), música instrumental e teatro musical.

Foi fundado e é dirigido por José Eduardo Rocha (JER).

O repertório do **Ensemble** é constituído por diversas peças instrumentais e de Teatro Musical (entre originais e adaptações), mas inclui também peças que outros compositores dedicaram à panóplia de instrumentos característica do grupo.

Desde a sua fundação em 1990, o **Ensemble JER** – que tem uma formação variável e actua com artistas convidados – já realizou mais de duas centenas de espectáculos, em Portugal, Espanha e Alemanha, tanto em forma de concerto (com diversos programas) como com peças de teatro musical de maiores dimensões (*A Saga da Formiga, Futebol, Volkswagner, Sinfonia Náutica, Missa do Homem Armado, Uma Laranja Mecânica, Cozido à Portuguesa, Concerto Promenade, Moby Dick – Aos Peixes*).

Destacam-se as apresentações em: duas Bienais do Mediterrâneo, Centro Cultural de Lagos, Teatro Gil Vicente, Teatro Cinearte, Centro Cultural de Belém, Mosteiro dos Jerónimos, Culturgest, Cine-Teatro Monumental, Orfeão de Leiria, Teatro Maria Matos, Teatro Rivoli, Expo 98, Galeria ZDB, Conservatório de Faro, Sé de Lisboa, Teatro Garcia de Resende, Fábrica da Pólvora, Expo Hannover 2000, Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira, Teatro Nacional São João, Recreios da Amadora, Teatro da Rainha, Museu Malhoa, Centro de Artes de Sines, Largo do TNSC (Bienal Luzboa), Teatro Nacional D. Maria II, Centro Cultural Malaposta, Teatro Miguel Franco, Centro de Arte Manuel de Brito, Teatro da Trindade, Navio Gil Eannes e Museu da Música.

O grupo participou ainda em gravações para teatro, cinema, rádio, televisão e disco.

Em 2003 gravou para a Universal uma peça de homenagem a Carlos Paredes integrada no CD duplo *Movimentos Perpétuos – Música para Carlos Paredes*.

Em 2008 gravou a música original de José Eduardo Rocha para a série de animação *Eu Quero Ser*, e para o filme *Um Degrau pode ser um Mundo*, ambos produzidos pela Animanostra.

Artistas que já colaboraram com o **Ensemble JER**
(por ordem alfabética)

Ana Carina Paulino	<i>assistente de cena</i>
Ana Sacramento	<i>soprano</i>
André Cardinali	<i>estagiário</i>
Andreia Marques	<i>harpa</i>
António Lemos	<i>trompete</i>
Camerata Vocal de Torres Vedras	<i>coro misto</i>
Carlos Gonçalves	<i>trombone baixo</i>
Carlos Alberto Augusto	<i>compositor</i>
Carlos Marecos	<i>compositor</i>
Catarina Verdier	<i>assistente de cena</i>
César de Oliveira Correia	<i>compositor</i>
Daniela Alemão	<i>compositora</i>
Daniel Coimbra	<i>técnico de luz</i>
Daniel Lima	<i>cinéasta</i>
Duncan Fox	<i>violone</i>
Fernando Cereceda	<i>produtor</i>
Fernando Matos Silva	<i>cinéasta</i>
Filipe Pinheiro	<i>trombone</i>
Francisco Baião	<i>trompete</i>
Helder Entrudo	<i>pianista</i>
Hugo Ribeiro	<i>compositor</i>
Humberto Santana	<i>produtor</i>
Isabel Gaivão	<i>atriz</i>
João Ricardo Oliveira	<i>escultor sonoro</i>
Jorge Silva	<i>designer</i>
Jorge Taipa	<i>trompa</i>
José Lourenço	<i>tenor</i>
Laura Groz	<i>estagiária</i>
Luísa Cunha	<i>assistente de cena</i>
Luís Bragança Gil	<i>maestro</i>
Manuel Soares Teixeira	<i>bombardino</i>
Manuel Wiborg	<i>encenador</i>
Marcos Lázaro	<i>violino</i>
Margarida Marecos	<i>soprano</i>
Maria Auzenda Castro	<i>produtora</i>
Mário Caeiro	<i>comissário</i>
Mário Vicente	<i>sousafone</i>
Mathew Irwin	<i>trompete</i>
Miguel Moreira	<i>assistente de cena</i>
Nuno Tudela	<i>cinéasta</i>
Paulo Lages	<i>actor</i>
Paulo Seabra	<i>designer & fotógrafo</i>
Pedro Magalhães	<i>técnico de som</i>
Pedro Morgado	<i>barítono</i>
Ricardo Amaral	<i>fotógrafo</i>
Ricardo Reis	<i>realizador de vídeo</i>
Rui Pisco	<i>actor</i>
Sofia Cavalheiro	<i>assistente de cena</i>
Teresa Cavalheiro	<i>assistente de cena & fotógrafa</i>
Vasco Gomes	<i>saxofone</i>

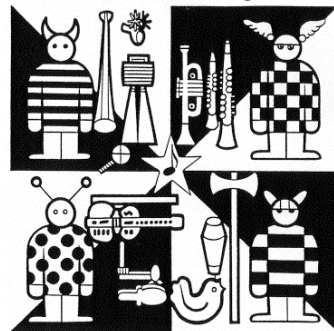
Artistas que já integraram o **Ensemble JER**
(por ordem de saída)

Francisco Ferro
João Morais
Paula Rocha
José Manuel Freire
Armando Gonçalves Pereira
Nuno Silva
Alexandre Pedro
Francisco Suspiro
Nuno Dario
Leonor Areal
José Lopes
Bruno Lopes
Susana Ribeiro

Actual Formação do **Ensemble JER**
(por ordem de antiguidade no grupo)

José Eduardo Rocha (JER)
Paulo Loureiro (<i>clarinete/clarinete baixo</i>)
Nuno Morão
Paulo Guia (<i>clarinete/clarinete baixo</i>)
Hugo Ribeiro (<i>membro honorário</i>)
Vasco Lourenço
Ricardo Torres (<i>clarinete</i>)
Luís Sousa (<i>trompa</i>)
Daniela Lousã (<i>flautas de bixel</i>)
Marta Marques Mendes

ENSEMBLE J.E.R



JER, logotipo 1993.